

TRADUÇÃO

RESENHA: LEIBNIZ E GEULINCX

LUDWIG STEIN

TRADUÇÃO DE ADRIELE DA COSTA, EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO E HENRIQUE LIMA DA SILVA.

REVISÃO DE BRUNA NOGUEIRA E FERNANDO CAVALCANTE LIMA FILHO.

48. – Ludwig Stein. **Leibniz und Spinoza**. Berlim, Reimer, 1890. 362 páginas in-8, 8 m.

49. – Arnoldi Geulincx. **Opera philosophica rec J.-P.-N. Land**. v. I, Hagae Comitum, Nijhoff. 1891.

I. Numa memória apresentada em 1888 à ACADEMIA DE BERLIM, Ludwig Stein se dizia capaz de estabelecer que Spinoza exerceu uma influência durável e profunda sobre o pensamento de Leibniz. Esta afirmação foi acolhida, aqui e em outros lugares, com incredulidade. Ele desenvolve no presente livro a demonstração em toda sua amplitude. Ela foi conduzida com a agilidade, a flexibilidade, a surpreendente variedade de combinações, a facilidade e o entusiasmo que fizeram o charme do espírito de Stein, e aos quais ele deve ser um dos mais sedutores, mais felizes e mais aventureiros eruditos que eu conheço.

Leibniz chega a Paris em março de 1672, e, durante três anos, dedica-se inteiramente ao estudo de Descartes. Em 1675, ele se une a Tschirnhaus. Ele se empenha totalmente em ganhar sua confiança e obter dele esclarecimentos sobre a doutrina de Spinoza. Tschirnhaus redige para ele um resumo que nós possuímos, e procura obter de Spinoza a autorização de revelar à Leibniz sua cópia do *De emendatione intellectus*. Spinoza se opõe formalmente; mas é possível que ele tenha ignorado a oposição¹. Leibniz é chamado para Hanovre. Passa em Londres, chega a Amsterdam no meio de outubro de 1676, e

1 Isto não é mais do que possível, e é pouco provável. Stein é muito severo com Tschirnhaus. Este tinha um espírito fraco e um caráter fraco, mas não há provas de que neste momento ele foi capaz de uma traição. Leibniz sabia o contornar; Spinoza, mais desconfiado, parece intrigado (Carta 72).

fica quatro semanas. Ele se une a Schuller, o homem da confiança de Spinoza (cujo papel na publicação da *Opera posthuma* nós conhecemos pelo artigo de Stein, *Archiv für Gesch. der Philos.* I, p. 554 sqq.); obtém dele comunicação de três cartas de Spinoza à Oldenburg, que ele copia e comenta, e um resumo do sistema, que ele também comenta; ele finalmente consegue acesso a Spinoza através dele. Chega a Haya no meio de novembro, a entrevista, como deveria ser, “várias vezes e por longo tempo”, discute com ele a teoria do movimento de Descartes, a existência de *ens perfectissimum*, e, sobre isto não há dúvida, conhece a existência da *Ética*. – O primeiro ponto da demonstração de Stein é estabelecido definitivamente: Leibniz se preocupa em estar informado com exatidão sobre a doutrina de Spinoza, e sabia como conhecê-la bem.

Leibniz sofre influência de Spinoza? – Os anos que vão de 1676 a 1684 são um período de estagnação na produção filosófica de Leibniz. Somente uma explicação é possível²; este é um período de parada crítica no movimento de seu pensamento: ele é, durante três anos, anticartesiano e spinozista, ou pelo menos simpático às ideias fundamentais do spinozismo.

Tal é a segunda tese, a mais importante do livro; aqui estão as evidências. Em primeiro lugar sabemos que Leibniz era cartesiano em 1670. Sabemos em segundo lugar que na metade do ano de 1676, Spinoza, em duas cartas endereçadas à Tschirnhaus, condena como absurdo e impossível a definição cartesiana de

2 A única explicação possível: pode-se admitir que Leibniz consagrasse à sua correspondência com Newton e à elaboração de seu método de cálculo o tempo que lhe restava de suas novas funções de bibliotecário, historiógrafo e de conselheiro.

matéria e a concepção cartesiana de extensão. Ora, em seu diálogo com Malebranche, que pode muito bem ser datada de 1676, Leibniz opõe a Descartes, relativamente à matéria, as mesmas críticas de Spinoza. A conclusão se impõe: ele tomou conhecimento das críticas através das cartas que Tschirnhaus lhe revelou. Outra prova: em um pequeno tratado de maio de 1677, Leibniz defende a explicação mecânica da natureza e a necessidade da experiência em termos que Spinoza não teria desaprovado. Outra prova ainda: em sua discussão com Eckhard, em abril de 1677, em uma data onde ele obtém de Schuller uma cópia de passagens essenciais da *Ética*, ele critica o *ens perfectissimum* em termos spinozistas, define Deus como Spinoza, e declara como Spinoza que a dor é positiva assim como o prazer. Algumas cartas e um pequeno escrito inédito do mesmo ano atestam o mesmo espírito. Finalmente, em janeiro de 1678, ele recebe a *Opera posthuma*; suas notas marginais para a primeira parte da *Ética* não condenam os princípios essenciais do sistema, o que sugere que só mais tarde ele adicionou na margem das partes seguintes, a anotação severa e negativa que vemos lá. – Se, portanto, é exagerado dizer que Leibniz é spinozista, ao menos é permitido afirmar que ele sente simpatia pela doutrina. Durante todo este período ele discute frequentemente, contesta às vezes, e às vezes aprova, explicitamente ou implicitamente, as proposições de Spinoza: sem traços da arrogante hostilidade e da aversão que ele irá lhe opor mais tarde.

Dez possibilidades habilmente agrupadas não fazem uma certeza, e dez improbabilidades não fazem uma probabilidade. Eu não posso pensar em examinar aqui em detalhe a construção hipotética de Stein; limito-me a relatar os pontos fracos mais imediatamente aparentes. Em primeiro lugar, não é exato que Leibniz estivesse completamente familiarizado com o cartesianismo em 1670. Ele o conhece mal, como diz em mais de um lugar, e só o estudará mais tarde. Escreve a *Hypothesis nova* que não é cartesiana, e que é anticartesiana em seu princípio, visto que sua crítica do movimento e sua definição da força na *Theoria motus abstracti* vão direto contra Descartes. Ele contesta, em 1671, numa carta à Arnauld, a

definição cartesiana da matéria. O argumento tirado do *Diálogo* de Malebranche não oferece um ponto de apoio sólido para a dupla razão de que nada autoriza datá-lo a partir de 1676, em vez de 1674 ou 1675, e que não há identidade real entre as críticas de Spinoza e aquelas de Leibniz. O mecanismo que inspira o pequeno tratado de maio de 1677 não contém nenhum elemento que seja novo para Leibniz, nenhum elemento que remeta a Spinoza, ou que só pode ser explicado por uma influência spinozista. Os diversos escritos do mesmo período que Stein cita para apoiar sua hipótese não contém nenhuma adesão, explícita nem implícita, a qualquer um dos princípios característicos do spinozismo. Em 4 de fevereiro de 1678, depois de ter acabado de ler a *Ética* e criticar as ideias essenciais em notas marginais que em nada nos autoriza considerar como não sendo de uma só e mesma época, ele escreveu à Justel uma carta na qual condena expressamente, como paradoxos que não julga nem verdadeiros e nem mesmo plausíveis, as proposições fundamentais de Spinoza, e a carta à Placcius, datada do mesmo mês, renova expressamente esta condenação. Em uma palavra, se é certo e hoje foi demonstrado que durante este período Leibniz veio a conhecer, conheceu e apreciou a potência intelectual de Spinoza, não está demonstrado que ele seja spinozista em 1677, e está demonstrado que ele não o era em fevereiro de 1678.

Ele não se tornará mais. Em 1679, Stein acredita poder constatar que a preocupação com o finalismo torna-se o motivo de sua crítica ao cartesianismo e ao spinozismo, que é então para ele a consequência lógica; a resposta ao problema teleológico será a monadologia. Platão se torna o inspirador deste progresso³. A fórmula da força individualizada foi encontrada em 1686; ela é a alma do *Discours de métaphysique*. O que falta ainda é o conceito completo⁴ e o nome da

3 A grande simpatia de Leibniz por Platão data de 1669 e 1670, e as razões alegadas por Stein para a influência de Platão intervir somente dez anos mais tarde não me parecem convincentes.

4 Há duas inexactidões na nota 2, da página 151. A *percepção* é atribuída à substância individual no *Discours* (§ 9; cf. § 14); a *concomitância* está já na correspondência com Arnauld; está expressamente nas observações sobre a carta de Arnauld datada de 13 de maio, e estas observações são certamente anteriores à carta de Foucher.

mônada. Stein faz intervir em 1684 a influência de Aristóteles; ele nega, por razões convincentes, que Leibniz tenha emprestado algo de Glisson; ele demonstra que a palavra mônada não veio de Giordano Bruno, e estabelece, sem contestação possível, que ele não a tem em 1695, que ele a utiliza em setembro de 1696, e que é à Van Helmont o Jovem que ele a deve.

Entre as partes dadas no apêndice, onde muitas eram inéditas, encontra-se um esboço alemão da Teodiceia que é de 1697. Stein utiliza-o para estabelecer que a primeira parte da Teodiceia é anterior à segunda em dez anos; se chegássemos a datá-lo antes de 1696, explicaríamos que a palavra mônada não aparece ali.

à execução tipográfica, basta dizer que ela é completamente comparável à de Spinoza. Nós devemos reconhecer à Land o empenho com que ele se consagra, para tornar acessível a nós, a latinidade ora bonita e rebuscada, ora escolástica e bárbara de Geulincx. Nós devemos a ele poder conhecer e apreciar senão a confiança desta honestidade e espírito firme que, como Spinoza, trabalhou muito e escreve pouco, que, como Spinoza, foi pouco apreciado, e foi rapidamente esquecido, que tomou uma divisa aceita por Spinoza, *Serio et candide* [*Sério e sincero*], e jamais a desmentiu.

Lucien Herr

II. A totalidade da soma recolhida para o monumento de Spinoza não tendo sido absorvida nem pela estátua de Paviljoengragt, nem pela admirável edição das obras de Spinoza dadas por van Vloten e Land, o comitê decide que a sobra de caixa será destinada para a edição de obras completas, hoje muito raras e dispersas, de Arnold Geulincx. M. J.-P.-N. Land já compartilhava esta boa notícia há um ano, em um artigo do *Archiv für Gesch. der Philosophie* (IV, p. 86-108), onde ele resumia, em algumas páginas muito exatas e muito precisas, o pouco que pode saber da vida de Geulincx, e onde ele indicava o plano da publicação da qual estava encarregado. O primeiro tomo devia conter todos as obras publicadas pelo próprio Geulincx; os dois outros volumes deveriam ser reservados às obras sistemáticas que foram publicados depois da morte de Geulincx depois dos cadernos dos alunos, ou que são ainda inéditos. O nome de Land foi uma garantia segura da excelência da edição.

O primeiro volume, hoje publicado, compreende as obras publicadas ainda em vida de Geulincx, menos o *Methodus inveniendi argumenta*, o *Tractatus de officiis disputantium* e o *Oratio* de 1665, que foram remetidos ao segundo volume. Land dá em seguida a *Logique des éclaircissements* inéditos, tirada de uma redação de curso manuscrito, recentemente adquirida pela biblioteca da Universidade de Leyde. Da maneira como Land realizou sua tarefa, eu não tenho nada a dizer. Quanto

